



Da memória oral ao audiovisual: os saberes agroecológicos salvaguardados pelas lentes

Rodrigo de Avelar Machado¹, Paolo Marti G. P. de Viola² e Leandro de Souza Lopes³.

¹Graduado em Análise de Sistemas pela Faculdade Anhanguera de Belo Horizonte. E-mail: avelar.rodrico@gmail.com;

²Graduando em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: paque.viola@gmail.com; ³Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestrando em Antropologia pela Universidad Veracruzana (UV-MX). E-mail: leandrolopescis@gmail.com.

Resumo: Na tentativa de análise da experiência de registro e utilização do audiovisual como instrumento de comunicação durante as Caravanas Agroecológicas e Culturais, do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, este trabalho apresenta alguns aspectos de potencial do audiovisual como um recurso comunicativo e educacional. A integração entre imagem em movimento e som potencializam a construção e compartilhamento do conhecimento agroecológico. E, além de representar uma contribuição com a resistência e reprodução dos saberes populares tradicionais, assume-se como ferramenta de registro material e propagação da memória e de saberes transmitidos tradicionalmente de forma oral.

Palavras-chave: comunicação; conhecimento popular; comboio de agroecologia.

1. Introdução

O modelo de produção agrícola baseado na monocultura tornou-se hegemônico por meio de um processo histórico que decorre do desenvolvimento do capitalismo no campo, desde o período colonial. A partir da década de 1950, com o desenvolvimento tecnológico voltado para o aumento da produtividade nos campos, este modelo foi transformado em suas bases pela chamada Revolução Verde. Segundo Porto-Gonçalves (2006), a Revolução Verde coloca o componente técnico-científico como central na produção agrícola e, conforme isso acontece concomitante a sua expansão/imposição, aumenta-se o distanciamento entre os saberes tradicionais que embasam o conhecimento agrícola do agricultor que a prática, tornando-o refém de um modelo que o obriga a comprar não somente os



insumos, externos à sua unidade de produção, mas também o conhecimento cristalizado na forma mercadológica do pacote tecnológico, ao qual ele é totalmente alheio.

Como resultado, temos um processo de redução gradativa da agrobiodiversidade, que pode ser chamado de erosão genética, sendo gravemente acompanhada de uma espécie de erosão dos saberes da terra, substituindo-os por um conhecimento empacotado, esvaziado de um enraizamento cultural. Apesar dos resultados obtidos com o aumento da produtividade, os impactos causados pela agricultura moderna fizeram surgir questões que outrora não existiam como, por exemplo, a questão ambiental no campo (PORTO-GONÇALVES, 2006). É nesse contexto que os conhecimentos tradicionais, desenvolvidos ao longo de milhares de anos, relativos à agricultura, passam a ser pensados e sistematizados a partir de sua relação de negação para com o modelo hegemônico, caracterizando as chamadas agriculturas alternativas (CAPORAL, 2009).

Esses conhecimentos tradicionais, passaram a ser considerados e incorporados no âmbito de uma construção teórico-metodológica que encontrou na agroecologia um lugar de articulação entre teoria e prática, ação social e práxis transformadora, conquistando dessa forma espaço de reconhecimento no meio acadêmico. Porém, muito antes de chegarem a tal condição, ainda incipiente no mundo científico, as comunidades camponesas mantenedoras desses saberes desenvolviam suas dinâmicas de socialização de uma geração para outra através de metodologias educacionais próprias, ressignificando-os, ao longo da história, de forma que suas principais estruturas permaneceram vinculadas ao movimento de transformação da sua própria cultura, e por isso nos referimos a eles como conhecimentos ou saberes tradicionais.

Sobre os saberes tradicionais, Conte e Souza (2013) comentam que:

Saber a temperatura dos fornos medida na palha que queima ou não; saber fazer os fornos de barro que não racham; acondicionar carnes em gordura animal; fazer o coalho para o queijo com bucho de boi; as geleias cremosas das frutas; o vinho doce, os vinagres, as broas; as trocas de animais para melhoramento genético das espécies; etc. Todos esses são exemplos de saberes tradicionais ainda salvaguardados em muitas comunidades tradicionais, principalmente pelas mulheres (CONTE & SOUZA, 2013, p. 422).



Uma das formas centrais de manutenção desses saberes se dá por meio da oralidade, manifestada de forma indissociada do saber-fazer cotidiano (WOORTMANN & WOORTMANN, 1997), do labor, das celebrações e rituais religiosos, de modo que muitas vivências expressam todos estes aspectos da cultura de forma integrada, onde a oralidade exerce um papel central, mas não separado do resto. Outro traço bastante comum nos modos de reprodução cultural dos camponeses está no fato que “a divisão do trabalho e das atividades cotidianas entre uma geração e outra seja menor, isto é, os mais jovens sempre acompanham os mais velhos nas tarefas” (CONTE & SOUZA, 2013, p. 422 e 423).

Desse modo, os conhecimentos são adquiridos através da observação, escuta e da própria prática em um processo de construção de ensino-aprendizagem informal, cujas linguagens são compreendidas por todos os envolvidos. Nesta dinâmica, os saberes das comunidades puderam perdurar por inúmeras gerações sem a necessidade de registros materiais ou escritos. Porém, a expropriação cultural e material (terra e recursos naturais) que as gerações mais recentes sofreram com o processo de modernização contribuíram para o desaparecimento de muitos desses saberes, juntamente com as formas tradicionais de mantê-los.

A perspectiva da Educação em Agroecologia, busca uma forma de construção do conhecimento em que dinâmicas culturais, territoriais e de manutenção dos saberes da terra que resistiram à modernização, possam se potencializar em uma construção dialógica com o conhecimento científico moderno. Dentre as diversas metodologias utilizadas com esta finalidade, temos a das Caravanas Agroecológicas e Culturais¹, que através dos intercâmbios entre camponeses de um mesmo território ou de territórios distintos, e da articulação entre sujeitos e organizações, mobilizam uma gama enorme de conhecimentos tradicionais ameaçados e, por vezes, culturalmente estagnados, em processo de erosão e desaparecimento.

Com um histórico recente de desenvolvimento da metodologia pelo movimento agroecológico, as Caravanas já puderam revelar seu enorme potencial neste sentido apresentado. Não ao acaso, foi

¹ Sobre este assunto ver mais em SILVA & LOPES (2015).



adotada como a principal atividade do projeto Comboio Agroecológico do Sudeste², que buscou articular uma Rede dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (R-NEA), envolvendo os quatro estados da região Sudeste. Além do intercâmbio de conhecimentos, as Caravanas cumpriram o papel de investigação e reflexão coletiva, nos diversos territórios, acerca dos impactos do modelo de desenvolvimento implementado no Brasil há muitas décadas.

Articulando denúncias, resistência e anúncios de construções de alternativas, as Caravanas buscaram comunicar à sociedade, a partir de experiências concretas, que é possível produzir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e de maneira ecológica e socialmente equilibrada. Mas, para isto, uma série de desafios estão postos, sendo um dos principais a necessidade de garantia da permanência das comunidades tradicionais em seus territórios. Somente assim, é possível falarmos em manutenção dos conhecimentos tradicionais, já que estes encontram sua base material e validade real a partir de seu enraizamento com a terra e com os sujeitos que nela vivem.

Durante a vigência o projeto Comboio realizou-se quatro Caravanas. Compostas por várias rotas de visitas às experiências agroecológicas, ao final cada caravana tinha um mesmo ponto de chegada, nos seus respectivos estados, para compartilhar as diferentes experiências vividas. Na culminância se organizava também um ato público numa proposta de diálogo com a comunidade que nos recebia e assim anunciar a agroecologia de forma aberta à sociedade. Buscando registrar e dar visibilidade aos conteúdos trazidos pelas Caravanas, organizou-se um coletivo de comunicadores populares que se dividiram pelas rotas produzindo textos, fotos, facilitações gráficas e vídeos das experiências visitadas.

Foi produzido para cada Caravana, um vídeo-documentário que apresentou através das imagens e relatos um pouco das experiências vividas. O material produzido em cada Caravana foi enorme, chegando, por exemplo, a mais de cinquenta horas na Caravana de Minas Gerais. Composto por muitos relatos das agricultoras e agricultores caravaneiros, entrevistas, imagens das experiências, de manifestações culturais populares, este material se configura enquanto documento de diversos saberes e

²Projeto Financiado pelo Extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário na Chamada /CNPq/MCTI/MAPA/MDA/MPA/MEC 81/2013.



histórias que podem ser acessados e colocados em movimento, o que em nosso ponto de vista contribui para sua manutenção e salvaguarda. Apesar do produto audiovisual final de cada Caravana ser um vídeo curto, sendo o maior, o da caravana de São Paulo com 52 min., cada vídeo documentário carrega em suas imagens e sons, uma gigantesca gama de saberes e percepções pouco visibilizados ou mesmo reconhecidos pelos meios de comunicação convencionais de massa.

2. Audiovisual como ferramenta de intercâmbio e salvaguarda de conhecimentos

Se adentramos ao uso do recurso audiovisual pelos caminhos da antropologia, a partir de final do século XIX tal recurso aparece como um potencial nos trabalhos de campo. Nos anseios de etnógrafos que se lançavam a estudos nos continentes Africano, Asiático e Americano estava presente o interesse por registrar, por meio de fotos e vídeos, práticas e rituais de sociedades, consideradas significativas ao olhar antropológico (PIAULT, 1999).

Do mesmo modo, Rosa e Anaya (2016) apontam que:

A produção de vídeos e os registros fotográficos foram sendo pautados a partir da necessidade de documentar as lutas e os rituais tradicionais, como danças, rezas, coleta do pequi, recuperação das nascentes, resgate das sementes, retomada dos territórios, dentre outros aspectos da vida e da cultura Xakriabá (ROSA & ANAYA, 2016, p.16).

Um dos fatores que contribuem para que a linguagem audiovisual seja uma ferramenta importante de compartilhamento dessas experiências, reside no fato de que, do ponto de vista sensorial, a união entre imagem em movimento e som, propicia ao espectador uma imersão, isto é, uma aproximação mais profunda no universo que está sendo apresentado. Esta aproximação, claro, é mediada pela sensibilidade de quem filma e realiza a edição e dentro dos limites que a tecnologia oferece para a reprodutibilidade daqueles sons e imagens. Em todo caso, a linguagem audiovisual, de um modo geral, oferece uma série de estímulos sensoriais capazes de construir enorme empatia com aqueles que assistem e interagem com o conteúdo. Estes estímulos variam desde imagens que expressam beleza, ou que causam choque, passando por sons que acessam memórias antigas, músicas



que emocionam, até a própria expressão corporal dos narradores, através de seus gestos, olhares e entonação de voz. Este conjunto de fatores dá ao audiovisual um enorme poder de síntese que permite o acesso a diversos conteúdos sutis, garantindo maior integralidade da narrativa ao abarcar os elementos que compõem o universo dos sujeitos que a expressam oralmente.

Ao nos referimos aos saberes tradicionais, como formas de conhecimento que encontram sua validade real quando enraizados culturalmente, ou seja, quando pertencem de fato ao fazer cotidiano e empírico da vida, chamamos atenção para o fato de que sua maneira de reprodução oral está amparada por um conjunto de elementos materiais e simbólicos que pertencem a determinado universo cultural. A manutenção de uma boa parte desses conhecimentos pela forma escrita é, portanto, limitada e, por vezes, inviável. O que gostaríamos de chamar atenção aqui, é de que, não sem limitações evidentemente, a linguagem audiovisual pode ampliar a expressão de componentes da cultura que estruturam as narrativas e fornecem maior substância aos saberes contidos nelas. Neste sentido, a linguagem oferece maiores condições de apropriação desses saberes por outrem, principalmente se o sujeito que busca esta apropriação pertence a uma “construção cultural que possui signos comuns” que o permitam reconhecer naqueles conteúdos, expressos em áudio e vídeo, situações que poderiam se aplicar “à sua própria experiência, dentro do seu contexto” (KAPLÚN, 1984, p. 35).

A linguagem audiovisual pode vir a se tornar um elo entre diferentes saberes tradicionais dentro de uma construção dialógica cujos sujeitos são os próprios camponeses e comunidades tradicionais mantenedoras, ainda que distanciadas geograficamente. A mediação que a linguagem audiovisual exerce neste caso, serve como uma ferramenta de potencialização do encontro frutífero entre estes diferentes saberes. Uma das maneiras de promover um encontro desta natureza é através da exibição dos vídeos da Caravana nos territórios das comunidades por onde ela passou, seguidos de rodas de conversas em que cada um possa expressar e trocar suas impressões e percepções do conteúdo assistido, inclusive aqueles que participaram diretamente da atividade da Caravana.

Acreditamos que desta forma, cada peça da engrenagem: saberes tradicionais, audiovisual e cultura, tem potencial de encaixe para girar tanto no sentido de salvaguardar o conhecimento como também de não o tornar estático. Isto é, de garantir o dinamismo necessário para acompanhar o



movimento de transformação cultural que as comunidades sempre tiveram ao longo da história, e que se encontra sob maior pressão e risco devido a intensificação do processo de modernização.

De acordo com Brandão (1983, p. 15), “a evidência de que, mesmo expropriado culturalmente e submetido ao poder de uma ideologia dominante, o mundo camponês cria e recria estilos, formas e sistemas próprios, de saber, viver e fazer”. O autor enfatiza ainda que, com rara e, às vezes, nem sempre revelada sabedoria, os camponeses codificam, legitimam e trocam regras e ações com sujeitos e grupos mediadores de outra categoria social. Desse modo, vão se reinventando (CONTE & SOUZA, 2013). A linguagem audiovisual, em nossa compreensão, porta elementos importantes também para esse movimento de (re) criação camponesa, conforme aprofundaremos adiante.

3. Audiovisual como ferramenta de afirmação cultural, denúncia e resistência

Com a intensificação do processo de modernização, e a investida neoliberal de apropriação privada dos recursos naturais pelas multinacionais, que se apresenta com regime de urgência na atual conjuntura por toda América Latina, o dinamismo das culturas tradicionais, sem perder de vista seu próprio enraizamento, torna-se ainda mais necessário. Isso porque a face impositiva deste processo acelera forçosamente as transformações culturais, trazendo consigo o risco eminente da fragmentação dos territórios e a expropriação das comunidades, que “tem como resultado fatal o perecimento de seus saberes” (CONTE & SOUZA, 2013, p. 421). A busca pela conciliação entre cultura tradicional e modernização é um desafio que a maioria das comunidades tradicionais enfrentam. O encaixe das peças da engrenagem modernização - cultura tradicional ao longo da história sempre foi emperrado, truncado, ruidoso e abrasivo. De forma mais concreta, sempre foi portador de conflitos e, muitos deles, com resultado violento e saldos negativos para as comunidades.

Trazendo essas reflexões para situações em que os conflitos são mais atenuados e as condições de reprodução cultural camponesas, ainda que delicadas, são mais favoráveis, reconhecemos o potencial da linguagem audiovisual e de sua circulação via web, para tornar públicos conteúdos que explicitam as ameaças que estas comunidades sofrem. Trazendo como referência a Caravana



Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira-SP (maio de 2016), a última realizada pelo projeto Comboio, podemos levantar diversas questões que explicitam conflitos e ameaças que muitas comunidades quilombolas da região sofrem sem que a sociedade de um modo geral tenha conhecimento.

Esta condição de esquecimento a que são relegadas, as tornam ainda mais vulneráveis. Tal negligenciamento (midiático) reforça narrativas preconceituosas sustentadas pelo desconhecimento e ignorância da população acerca da história e modos de vida destas comunidades. O preconceito, por sua vez, corrobora com a invisibilidade, o que resulta na indiferença da sociedade diante de arbitrariedades e violações de direitos a que estas comunidades podem ser submetidas. Considerando que a maioria das comunidades tradicionais busca uma inserção digna e um reconhecimento de seus modos de vida dentro da sociedade moderna, e que isto só é possível a partir de seu empoderamento efetivo, passamos a nos perguntar quais ferramentas podem ser apropriadas de forma estratégica para efetivação de um processo de empoderamento?

A luta e a resistência dessas comunidades são muito antigas, cada estratégia adotada pelas mesmas tem uma história, um porquê, um sentido construído a partir da memória e da práxis, conformando a tônica de suas narrativas. Não cabe a quem não vivenciou de perto essa construção, contestá-las ou deslegitimá-las (BOSI, 1994). Porém, cabe a quem com elas interage, buscar formas de potencializá-las e de fornecer novos elementos e informações das quais muitas vezes são privadas, para que elas mesmas possam reinventar suas estratégias e dinâmicas territoriais de resistência conforme suas necessidades.

Novamente reconhecemos a linguagem audiovisual como portadora de elementos importantes para a emancipação e empoderamento de comunidades tradicionais ameaçadas, seja por barragens, mineração, monocultura ou mesmo pela invisibilidade. Através da linguagem audiovisual, é possível explicitar conflitos, impactos e violações de direitos e, mais que isso, é possível oferecer narrativas contra hegemônicas produzidas pela voz dos próprios sujeitos que vivenciam uma necessária resistência. Estas narrativas podem ser construídas a partir das denúncias, mas também de forma articulada com anúncios e propagação de traços culturais e dos modos de vida tradicionais portadores



de extrema beleza e sensibilidade, capazes de romper a barreira dos preconceitos e criar empatia necessária à quebra dessas narrativas.

Neste sentido, o material registrado durante a Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira/ SP, por exemplo, tem um enorme potencial, já que pode articular os conteúdos de denúncia e anúncios dentro da mesma narrativa construída a partir de uma atividade mobilizadora real, concreta, o que torna o conteúdo ainda mais vivo e dinâmico.

4. Linguagem acessível e ferramenta de educação popular

A imagem em movimento fascina as pessoas. Hoje, mesmo nas comunidades rurais “mais pobres”, é difícil não encontrarmos uma televisão, que em algum momento especial do dia é rodeada por toda a família onde todos, com os olhares voltados para a mesma direção e os ouvidos atentos aos mesmos sons, passam horas encantados com a caixa mágica. No Ato Público realizado durante a Caravana Agroecológica e Cultural do Espírito Santo, pudemos observar uma experiência semelhante com as exhibições de alguns filmes da série “Curtas Agroecologia” no meio de uma praça importante para a pequena cidade de Alegre, na Serra do Caparaó/ES. Mesmo com a interferência do barulho e dos movimentos dos carros que passavam ao redor, as pessoas pararam e deixaram sua atenção ser guiada pelas belas imagens que estavam sendo apresentadas.

Além dos aspectos mais sutis apresentados até agora, a linguagem audiovisual enquanto ferramenta de educação popular também possui como potencial a sua acessibilidade ampla ao universo camponês. A linguagem escrita, no caso dos artigos científicos, limita-se a uma pequena parcela de camponeses que conquistaram acesso à cultura letrada mais formal e, se considerarmos também os contos e as narrativas populares, é comum encontrar ainda a barreira do analfabetismo funcional. Neste sentido, o audiovisual, ao reproduzir uma narrativa oral através do som, em vez de um texto corrido, é capaz de acessar de forma muito mais ampla o repertório de apropriação cultural e de conhecimentos presente no universo camponês - e não somente -, através das imagens é possível complexificar esta



apropriação por meio de componentes simbólicos que acompanham a narrativa oral, sem dificultar sua compreensão, pelo contrário, enriquecendo-a.

Nos últimos anos, várias tecnologias que antes eram distantes das comunidades camponesas, hoje passam a estar cada vez mais presentes em seu cotidiano. Grande parte das comunidades rurais já possuem um local com acesso à internet, quando não um smartphone. O acesso a esses tipos de aparelhos celulares traz consigo não somente a possibilidade de conexão com a internet e toda a amplitude de acesso à informação que ela oferece de forma singular, mas também uma câmera de mão portátil, capaz de filmar e fotografar em qualidade razoável e sempre ao alcance. Durante as Caravanas, inúmeros momentos foram registrados por estes aparelhos que a todo instante apareciam nas mãos de estudantes, técnicos, pesquisadores e sim, agricultoras e agricultores.

Neste sentido, acreditamos que a linguagem audiovisual é uma ferramenta que hoje em dia não oferece obstáculos a apropriação de ninguém. As gerações mais jovens, por receberem tanto estímulo da propaganda comercial e do contexto social cada dia mais permeado pelas tecnologias eletroeletrônicas, mesmo no meio rural, possuem grande predisposição e interesse em aprender e a dominar seu funcionamento, e não raras vezes o fazem de forma totalmente autodidata. Desse modo, a capacitação delas para o exercício da produção de conteúdos audiovisuais requer muito mais estímulo ao desenvolvimento de sua sensibilidade, percepção e apropriação de conceitos estéticos da linguagem, do que propriamente ao domínio técnico da ferramenta em si.

Em consonância com todos os aspectos que envolvem o diálogo entre saberes tradicionais e linguagem audiovisual apresentados até aqui, consideramos que a apropriação da linguagem, junto às ferramentas de produção por parte das comunidades camponesas, pode contribuir ainda mais em seu processo de afirmação e valorização cultural, com maior autonomia, já que tudo o que apresentamos como relevantes, referentes às suas narrativas expressas por meio das lentes e microfones, pode ser produzido integralmente por eles mesmos. O processo de apropriação da linguagem e das ferramentas pelos mais jovens para a produção de conteúdos audiovisuais, pode inclusive vir a ser um estímulo para que busquem sua própria apropriação de saberes tradicionais e elementos próprios de sua cultura, aos quais muitas vezes sentem-se desestimulados a buscar.



A vinculação de um processo educomunicativo³ com as crianças e jovens das comunidades, capaz de aliar a apropriação de um processo de produção audiovisual protagonizado por elas mesmas, a partir de um conteúdo pré-estabelecido voltado para os saberes tradicionais dos mais velhos, se apresenta, em nosso ponto de vista, como uma maneira lúdica de (re)criar espaços comunitários muitas vezes perdidos, onde este diálogo entre gerações era mais fluido e integrado a outras atividades coletivas do fazer cotidiano (SANTOS & CAMARGO, 2013). Atividades estas que em determinadas circunstâncias tornam-se inviabilizadas pela necessidade de proletarização, ou por outros fatores. Em todo caso, este processo educomunicativo pode ter potencial para ocupar e ressignificar estes espaços esvaziados da cultura tradicional, restabelecendo por esta via, diálogos entre gerações fundamentais para a salvaguarda de sua cultura e conhecimentos.

5. O comboio e as lentes

O registro audiovisual da Caravana Agroecológica e Cultural de Minas Gerais, pioneira do projeto Comboio, inicia-se com a construção de um coletivo de comunicação, formado por comunicadores populares com o objetivo de divulgar as Caravanas através de fotografias, textos e vídeos. A captação das imagens foi realizada através de várias lentes e vários olhares. O processo colaborativo de edição foi capaz de sintetizar a Caravana de MG, apresentando os desafios e conquistas da agroecologia no estado e também transmitindo um pouco dos saberes populares registrados. Apesar do grande desafio de selecionar os conteúdos que entraram no vídeo final, os vários olhares do grupo que se formou para contribuir neste processo e poder de síntese do audiovisual tornam possível a construção de um vídeo documentário que, na versão final, tem duração de 29'47".

³Acerca do conceito de Educomunicação, ver FREITAS, José Vicente. Educomunicação: contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito. In Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 10, n. 2, 149-162, 2015.



O vídeo final da Caravana de Minas Gerais conseguiu apresentar um pouco de como a metodologia das Caravanas funcionam, apresentar a agroecologia no estado mostrando suas conquistas e desafios, e também diversos elementos culturais, sempre muito presentes ao longo de todas as rotas. Além disto, os saberes populares que através desses registros estão eternizados nas diversas vozes que narram o vídeo. Da mesma forma que em Minas Gerais, o registro audiovisual também foi realizado nas Caravanas dos outros estados a partir da formação de um Grupo de Trabalhos (GT) de comunicadores.

6. Considerações finais

Analisando o potencial comunicativo e imersivos do audiovisual, observamos que os registros além de eternizarem os saberes populares também o compartilham, rompendo as barreiras das distâncias e do tempo. Os vídeos documentários das caravanas agroecológicas, além de apresentarem as caravanas como uma atividade do projeto Comboio, carregam em si uma série de saberes agroecológicos nas vozes de agricultores, estudantes, pesquisadores e de toda a diversidade presente nas caravanas, dialogando assim com o princípio da diversidade e da Educação em Agroecologia, onde devemos respeitar os diversos saberes e desconstruindo a ideia que o conhecimento só é proveniente da academia.

Muito além de dificuldades técnicas para gravação, o processo mais intenso da produção dos documentários foi a edição, onde uma grande quantidade de informações preciosas, captadas pelas lentes, necessitavam ser garimpadas para conseguir se construir um vídeo curto. Mas, mesmo que grande parte do material não esteja presente nos produtos finais, o que foi gravado está guardado, como um livro em uma biblioteca e, ainda assim, um dos grandes desafios é como organizar e disponibilizar todo esse material.

De toda maneira, o vídeo criado consegue ser um material educativo, que sistematiza os processos de transição visitados e ao mesmo tempo serve como fonte de diversas informações podendo tanto ser utilizado para uma análise do desenvolvimento da agroecologia no Sudeste, quanto para uma



aula sobre compostos orgânicos, por exemplo. As informações estão ali, nas imagens e nos sons. Como aponta Novaes (1998, p. 116), as “imagens, tais como textos, são artefatos culturais”.

Referências

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. *Desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural*. Agroecologia e desenvolvimento sustentável, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 16-37. jan./mar. 2000.
- CONTE, I. I.; SOUZA, M. I. *Saberes da vida: os camponeses fora da escola*. In: Revista Roteiro, Joaçaba, v. 38, n. 2, p. 413-430. jul. /dez., 2013.
- KAPLÚN, M. *Comunicación entre grupos: el método del cassette-foro*. Ottawa, Ont.: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.
- NOVAES, S. C. *O uso da imagem na antropologia*. In: E. Samain (org.). O Fotográfico. São Paulo: HUCITEC/ CNPq, 1998.
- PIAULT, M. H. *Espaço de uma antropologia audiovisual*. In: C. Eckert & P. Monte-Mor (orgs.). Imagem em Foco: Novas Perspectivas em Antropologia. Porto Alegre: PPGAS/Editora da UFRGS, 1999.
- PARAGUAI, L. *Narrativas imagéticas na Web: leituras e construções hipertextuais*. In: Revista Digital de Cinema Documentário, nº. 5, p. 24-35, 2008.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ROSA, H. S.; ANAYA, F. C. *A nossa identidade*. In: Agriculturas: Comunicar para transformar. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.16 mar. 2016.
- SANTOS, D. T. G.; CAMARGO, J. B. M. *A Educomunicação nas Escolas Indígenas como meio de Assegurar a Diversidade Cultural das Comunidades Autóctones*. In: II Encontro de Educomunicação da Região Sul - GT 1 Comunicações Científicas: Educomunicação Cidadania e Direitos Humanos, Anais, Ijuí/RS, jun. 2013.
- WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora da UNB, 1997.